

O uso de métodos contraceptivos por adolescentes: conhecimento de estudantes do ensino médio*The use of contraceptive methods by adolescents: knowledge of high school students**El uso de métodos anticonceptivos por adolescentes: conocimiento de los estudiantes de secundaria***Aline Aguiar Vieira¹**

ORCID: 0000-0002-1253-9770

Luciana da Costa Nogueira**Cerqueira¹**

ORCID: 0000-0003-1339-6828

Patrícia da Costa Teixeira¹

ORCID: 0000-0002-1338-6091

Leila Tomazinho de Lacerda**Dumarde²**

ORCID: 0000-0002-5327-297X

Priscila Pradonoff Oliveira¹

ORCID: 0000-0003-1998-1649

Giselle Barcellos Oliveira**Koeppel¹**

ORCID: 0000-0002-4821-1021

¹Universidade Veiga de Almeida.
Rio de Janeiro, Brasil.²Universidad Autónoma de
Asunción. Asunción, Paraguai.**Como citar este artigo:**

Vieira AA, Cerqueira LCN, Teixeira PC, Dumarde LTL, Oliveira PP, Koeppel GBO. O uso de métodos contraceptivos por adolescentes: conhecimento de estudantes do ensino médio. Glob Acad Nurs. 2020;1(3):e37.
<https://dx.doi.org/10.5935/2675-5602.20200037>

Autor correspondente:

Giselle Barcellos Oliveira Koeppel
E-mail:
gisellebarcellos@yahoo.com.br

Editor Chefe: Caroliny dos Santos
Guimarães da Fonseca
Editor Executivo: Kátia dos Santos
Armada de Oliveira

Submissão: 23-08-2020

Aprovação: 27-08-2020

Resumo

Objetivou-se identificar o conhecimento de adolescentes estudantes do ensino médio acerca dos métodos contraceptivos. Trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva, exploratória, com abordagem quantitativa. O cenário foi uma escola privada, localizada na cidade de Arraial do Cabo, no Estado do Rio de Janeiro. Os sujeitos da pesquisa foram adolescentes matriculados no ensino médio do cenário da pesquisa. Foi realizada análise estatística descritiva, cujos resultados foram discutidos a partir de bases teóricas pertinentes à temática. Em relação à caracterização dos 23 participantes da pesquisa, houve um número maior de meninas (56,5%). A maior parte deles tinha 16 (39,1%) anos de idade. 52,1% afirmaram já ter tido relação sexual, enquanto 47,8% declararam o contrário. O preservativo masculino se mostrou o método mais conhecido e utilizado pelos adolescentes. Foi observado que os inúmeros mitos que norteiam a utilização dos métodos contraceptivos norteiam o entendimento e atitudes dos adolescentes. Neste contexto, destaca-se a importância de uma educação sexual de qualidade nas escolas, assim como do incentivo à participação dos pais na vida sexual de seus filhos, evitando assim que esses adolescentes recorram a outros meios para adquirir informações.

Descritores: Comportamento do Adolescente; Gravidez na Adolescência; Saúde do Adolescente; Serviços de Saúde Escolar; Promoção da Saúde; Educação.

Abstract

The aim was to identify the knowledge of teenage high school students about contraceptive methods. It is a descriptive, exploratory field research, with a quantitative approach. The setting was a private school, located in the city of Arraial do Cabo, in the state of Rio de Janeiro. The research subjects were adolescents enrolled in high school in the research setting. Descriptive statistical analysis was carried out, the results of which were discussed based on theoretical bases relevant to the theme. Regarding the characterization of the 23 research participants, there was a greater number of girls (56.5%). Most of them were 16 (39.1%) years old. 52.1% stated they had already had sexual intercourse, while 47.8% stated the opposite. The male condom proved to be the most known and used method by adolescents. It was observed that the countless myths that guide the use of contraceptive methods guide the understanding and attitudes of adolescents. In this context, the importance of quality sex education in schools is highlighted, as well as encouraging parents to participate in their children's sexual lives, thus preventing these teenagers from using other means to acquire information.

Descriptors: Adolescent Behavior; Teenage Pregnancy; Adolescent Health; School Health Services; Health Promotion; Education.

Resumen

El objetivo fue identificar el conocimiento de los estudiantes adolescentes de secundaria sobre métodos anticonceptivos. Se trata de una investigación de campo descriptiva, exploratoria, con enfoque cuantitativo. El escenario fue una escuela privada, ubicada en la ciudad de Arraial do Cabo, en el estado de Río de Janeiro. Los sujetos de investigación fueron adolescentes matriculados en la escuela secundaria en el ámbito de la investigación. Se realizó un análisis estadístico descriptivo, cuyos resultados se discutieron con base en bases teóricas relevantes al tema. En cuanto a la caracterización de los 23 participantes de la investigación, hubo un mayor número de niñas (56,5%). La mayoría tenía 16 (39,1%) años. El 52,1% afirmó que ya había tenido relaciones sexuales, mientras que el 47,8% afirmó lo contrario. El condón masculino resultó ser el método más conocido y utilizado por los adolescentes. Se observó que los innumerables mitos que orientan el uso de métodos anticonceptivos orientan el entendimiento y las actitudes de los adolescentes. En este contexto, se destaca la importancia de una educación sexual de calidad en las escuelas, así como de incentivar a los padres a participar en la vida sexual de sus hijos, evitando así que estos adolescentes utilicen otros medios para adquirir información.

Descritores: Comportamiento Adolescente; Embarazo en la Adolescencia; Salud de los Adolescentes; Servicios de Salud Escolar; Promoción de la Salud; Educación.



Introdução

O Ministério da Saúde adota como definição de adolescência a estabelecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que considera a faixa etária entre 10 e 19 anos de idade. A população adolescente representa atualmente 17,9% do total dos brasileiros, com cerca de 34 milhões de pessoas^{1,2}.

Nesta fase da vida, o indivíduo passa por experiências únicas associadas a intensas mudanças físicas, mentais e sociais que vão servir de molde para a formação de um ser humano adulto. É também a fase em que surgem os momentos de incerteza, isolamento, ansiedade, problemas afetivos e o início das relações sexuais^{3,4}.

As mudanças biopsicossociais e o despertar de novos interesses que cercam a adolescência podem estar relacionados não apenas aos efeitos no desenvolvimento, mas também podem conduzir a situações de risco, especialmente àquelas relacionadas à saúde sexual destes indivíduos. Isso porque a busca por novas experiências típica desta faixa etária, pode contribuir para a adoção de comportamentos de risco, como o abuso de álcool e outras drogas, tornando os adolescentes mais suscetíveis às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e em uma gravidez não desejada².

No mundo, anualmente a taxa de gravidez na adolescência é de aproximadamente 16 milhões de meninas de 15 a 19 anos e 2 milhões menores de 15 anos de idade. A América Latina e o Caribe representam a região com a segunda maior taxa mundial, estimada em 66,5 nascimentos por cada 1.000 adolescentes com idade entre 15 e 19 anos. No Brasil, anualmente cerca de 18% dos brasileiros nascidos são filhos de mães adolescentes. Em números absolutos isso representa 400 mil casos por ano^{5,6}.

Estes dados são altamente preocupantes, visto que o risco de morte materna se duplica entre mães com menos de 15 anos em países de baixa e média renda. Ademais, a gravidez na adolescência representa um grande desafio para a saúde pública no Brasil, visto que muitas destas gestações terminam em abortos provocados, realizados em condições adversas, que evoluem com problemas obstétricos graves, contribuindo para o aumento da mortalidade materna neste grupo etário^{1,5}.

Uma outra preocupação relacionada à saúde dos adolescentes é a ocorrência de ISTs, visto que o aumento da infecção pelo HIV/aids entre jovens no Brasil, indica uma baixa utilização de preservativo nas relações sexuais, o que contribui para a incidência de outras ISTs entre esta população¹.

A OMS apontou entre 2009 e 2016 uma estimativa de casos incidentes de ISTs curáveis de 376,4 milhões, com destaque para clamídia, gonorreia, tricomoníase e sífilis. De 2007 até junho de 2019 foram notificados no Brasil 300.496 casos de infecção pelo HIV, sendo 11.016 entre indivíduos de 10 a 19 anos de idade^{7,8}.

Com base nestes apontamentos, vale dizer que a adolescência, assim como as outras etapas da vida merecem atenção, especialmente no foco da atenção primária, onde estratégias educativas preventivas devem ser implantadas e

Promover a transmissão de informações sobre a sexualidade, e em especial sobre os métodos contraceptivos, possibilita uma maior autonomia aos adolescentes, visto que auxilia de forma satisfatória suas atitudes e tomadas de decisões, reduzindo os riscos relacionados a uma atividade sexual sem proteção e sem os devidos cuidados. É primordial que as orientações fornecidas contemplem todos os adolescentes, sem desigualdades e distinções, dado que a gravidez indesejada e as ISTs podem alcançar qualquer indivíduo que não se apodere de práticas sexuais seguras e saudáveis¹⁰.

Nesta conjuntura, a discussão do tema anticoncepção com os adolescentes é extremamente válida para o contexto de promoção da saúde e prevenção de doenças. Além disso, a realização de estudos que possibilitem explicar o conhecimento e a utilização de métodos contraceptivos por adolescentes pode subsidiar estratégias de intervenção adequadas à realidade de cada grupo de forma mais diretiva¹¹.

No que diz respeito à enfermagem neste cenário, vale dizer que o perfil de educador inerente à profissão, torna o enfermeiro um integrante da equipe de saúde apto para elaborar e pôr em prática atividades educativas que contribuam para que a atividade sexual seja praticada de forma saudável pelos adolescentes. Para tal, é fundamental o entendimento acerca do conhecimento dos jovens sobre os métodos contraceptivos, a fim de que as ações sejam direcionadas de forma mais efetiva, de acordo com cada realidade, conforme já apontado.

Diante do exposto, a questão que norteou este estudo foi: Qual o conhecimento de adolescentes estudantes do ensino médio acerca dos métodos contraceptivos? O objetivo traçado foi identificar o conhecimento de adolescentes estudantes do ensino médio acerca dos métodos contraceptivos.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva, exploratória, com abordagem quantitativa. O cenário foi uma escola privada, localizada na cidade de Arraial do Cabo, no Estado do Rio de Janeiro.

Os sujeitos da pesquisa foram adolescentes matriculados no ensino médio do cenário da pesquisa. A escolha pela delimitação do ensino médio, justifica-se por ser esta a etapa escolar com um maior predomínio de adolescentes. Os critérios de inclusão adotados foram: alunos de ambos os sexos, com idade entre 10 e 19 anos, com ou sem vida sexual ativa. Foram excluídos os estudantes ausentes nos dias da coleta de dados e aqueles cujos responsáveis não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Dessa forma, em um universo de aproximadamente 50 alunos matriculados, participaram da



pesquisa 23 adolescentes com idade entre 14 e 19 anos de idade.

A coleta de dados ocorreu em novembro de 2019 e se deu através de um questionário semiestruturado elaborado para este estudo, que contemplou questões relacionadas à caracterização dos sujeitos e informações acerca do conhecimento dos estudantes acerca da utilização dos métodos contraceptivos.

As informações coletadas foram organizadas em um banco de dados criado no programa *Microsoft Excel*[®], sendo realizada posteriormente uma análise estatística descritiva, cujos resultados foram discutidos a partir de bases teóricas pertinentes à temática.

O estudo respeitou os aspectos éticos previstos na Resolução n.º 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde¹², sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Veiga de Almeida (CEP/UVA), pelo Parecer Consubstanciado n.º 3.697.111 de 11 de novembro de 2019.

Resultados

Em relação à caracterização dos 23 participantes da pesquisa, houve um número maior de meninas (56,5%). A maior parte deles tinha 16 (39,1%) anos de idade. 52,1% afirmaram já ter tido relação sexual, enquanto 47,8% declararam o contrário (Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização dos adolescentes participantes da pesquisa. Arraial do Cabo, RJ, Brasil, 2019

CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS	N	%
Gênero		
Feminino	13	56,5
Masculino	10	43,5
Idade (anos)		
15	2	8,7
16	9	39,1
17	5	21,7
18	7	30,4
Já teve relação sexual		
Sim	12	52,2
Não	11	47,8

Entre os 12 adolescentes que relataram já terem experimentado atividade sexual, a faixa etária da primeira relação foi entre 14 a 17 anos, sendo a idade de 15 anos a mais destacada (33,3%). A maior parte (75%) afirmou que faz uso de método contraceptivo, sendo a camisinha o mais apontado (58,3%), (Tabela 2).

Tabela 2. Prática da atividade sexual dos adolescentes participantes da pesquisa. Arraial do Cabo, RJ, Brasil, 2019

ATIVIDADE SEXUAL	N	%
Idade da 1ª relação		
14	3	25
15	4	33,3

16	2	16,7
17	3	25
Faz uso de contraceptivo		
Sim	9	75
Não	3	25
Método utilizado		
Camisinha	7	58,3
Anticoncepcional	2	16,7
Pílula do dia seguinte	1	8,3

Quanto ao conhecimento geral acerca dos métodos contraceptivos, a análise foi dividida entre os adolescentes que já tiveram relação sexual e aqueles que ainda não tiveram, a fim de comparar as divergências entre os entendimentos sobre o assunto. Contudo, foi observado que não houve diferença significativa dos resultados entre os dois grupos, mostrando, que o conhecimento dos adolescentes participantes da pesquisa é semelhante, independentemente da experiência sexual vivenciada por eles.

A camisinha, a pílula anticoncepcional e a pílula de emergência foram os métodos apontados por todos os participantes, de ambos os grupos (100%). Em seguida, emergiu o Dispositivo Intrauterino (DIU), que representou 91,7% dos adolescentes que já tiveram relação sexual e 90,9% dos que não tiveram. Ao serem questionados quanto ao método mais indicado em ambos os grupos a camisinha foi a mais prevalente, representando 91,7% entre os que já tiveram relação sexual e 63,6% entre os que não tiveram. As informações sobre os métodos contraceptivos foram recebidas em casa por uma pequena fração dos adolescentes em ambos os grupos (Tabela 3).

Tabela 3. Conhecimento geral dos adolescentes participantes da pesquisa acerca dos métodos contraceptivos. Arraial do Cabo, RJ, Brasil, 2019

CONHECIMENTO GERAL	Grupo que já teve relação sexual	Grupo que não teve relação sexual
Métodos conhecidos	N (%)	N (%)
Camisinha	12 (100%)	11 (100%)
Pílula anticoncepcional	12 (100%)	11 (100%)
Pílula de emergência	12 (100%)	11 (100%)
DIU	11 (91,7%)	10 (90,9%)
Diafragma	9 (75%)	4 (36,3%)
Tabelinha	7 (58,3%)	8 (72,7%)
Anel Vaginal	3 (25%)	2 (18,2%)
Esponja Vaginal	0	1 (9,1%)
Método mais indicado		
Camisinha	11 (91,7%)	7 (63,6%)
Pílula anticoncepcional	6 (50%)	1 (9,1%)
Não soube informar	0	4 (36,3%)
Onde obteve informação		



Casa	7 (58,3%)	6 (54,5%)
Amigos	6 (50%)	2 (18,2%)
Escola	4 (33,3%)	7 (63,6%)
Outros	11 (91,7%)	4 (36,4%)

Foi apresentado ainda aos estudantes uma série de afirmações acerca da contracepção, a fim de avaliar o conhecimento específico dos estudantes em relação a cada método contraceptivo. Assim como na tabela anterior, a análise foi dividida entre os adolescentes que já tiveram relação sexual e aqueles que ainda não tiveram. No entanto, diferentemente da tabela anterior, os apontamentos acerca dos conhecimentos específicos dos adolescentes mostraram certa divergência em determinados aspectos, quando comparados os dois grupos.

Em relação aos métodos contraceptivos não hormonais, o uso de dois preservativos masculinos como uma estratégia de contracepção mais segura não é algo considerado pela maior parte dos adolescentes que já tiveram relação sexual (83,3%), e por apenas 45,4% dos que ainda não tiveram. Quanto à eficácia da camisinha feminina, 58,3% dos que já tiveram relação sexual não souberam informar, ao passo que a maior parte dos que ainda não tiveram relação sexual (63,6%) compreendem a eficácia do método. Ambos os grupos reconhecem que o coito interrompido não previne a gravidez indesejada, assim como não sabem informar acerca do uso do diafragma com espermicida e nem sobre a relação entre o DIU e o aborto (Tabela 4).

Tabela 4. Conhecimentos específicos dos adolescentes participantes da pesquisa acerca dos métodos contraceptivos não hormonais. Arraial do Cabo, RJ, Brasil, 2019

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS MÉTODOS NÃO HORMONAIIS	Grupo que já teve relação sexual	Grupo que não teve relação sexual
	N (%)	N (%)
Uso de duas camisinhas é mais seguro		
Sim	0	1 (9,1%)
Não	10 (83,3%)	5 (45,4%)
Não soube informar	2 (16,7%)	5 (45,4%)
Camisinha feminina é tão eficaz quanto à masculina		
Sim	4 (33,3%)	7 (63,6%)
Não	1 (8,3%)	0
Não soube informar	7 (58,3%)	4 (36,4%)
É possível engravidar por meio do coito interrompido		
Sim	11 (91,7%)	7 (63,6%)
Não	0	1 (9,1%)
Não soube informar	2 (16,7%)	3 (27,3%)
Diafragma tem maior eficácia com espermicida		
Sim	3 (25%)	2 (18,2%)
Não	2 (16,6%)	0
Não soube informar	7 (58,3%)	9 (81,8%)

DIU pode provocar aborto		
Sim	3 (25%)	2 (18,2%)
Não	0	3 (27,3%)
Não soube informar	9 (75%)	6 (54,5%)

Em relação ao conhecimento específico sobre os métodos de contracepção hormonais, de forma majoritária, nos dois grupos, os adolescentes reconhecem que a pílula anticoncepcional não previne IST. 91,6% dos participantes que já tiveram relação sexual distinguem fatores que interferem na ação dos anticoncepcionais orais, enquanto 63,6% dos que não tiveram relação não sabem informar. Igualmente nos dois grupos, a maior parte dos adolescentes não soube informar sobre a infertilidade associada ao anticoncepcional. Sobre a pílula de emergência, a maioria dos adolescentes que já tiveram relação (50%) discernem que sua eficácia é válida em até 72h após o ato sexual desprevendo, enquanto no grupo que não teve relação sexual, a maior parte (36,4%) desconhece tal informação. Ainda sobre a pílula de emergência, o maior número dos participantes que já tiveram relação sexual (91,7%) entende que esta pílula não deve ser ingerida constantemente, enquanto apenas 45,4% dos que ainda não tiveram relação sexual compreendem o mesmo (Tabela 5).

Tabela 5. Conhecimentos específicos dos adolescentes participantes da pesquisa acerca dos métodos contraceptivos hormonais. Arraial do Cabo, RJ, Brasil, 2019

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS MÉTODOS HORMONAIIS	Grupo que já teve relação sexual	Grupo que não teve relação sexual
	N (%)	N (%)
Pílula anticoncepcional previne IST		
Sim	0	1 (9,1%)
Não	12 (100%)	9 (81,8%)
Não soube informar	0	1 (9,1%)
Álcool, anti-inflamatórios e antibióticos podem diminuir efeito do anticoncepcional		
Sim	11 (91,7%)	3 (27,3%)
Não	0	1 (9,1%)
Não soube informar	1 (8,3%)	7 (63,6%)
Uso prolongado do anticoncepcional pode causar infertilidade		
Sim	5 (41,7%)	3 (27,3%)
Não	1 (8,3%)	1 (9,1%)
Não soube informar	6 (50%)	7 (63,6%)
Eficácia para pílula do dia seguinte		
Até 12h	0	1 (9,1%)
Até 24h	2 (16,7%)	3 (27,3%)
Até 48h	3 (25%)	2 (18,2%)
Até 72h	6 (50%)	1 (9,1%)
Não soube informar	1 (8,3%)	4 (36,4%)
A pílula do dia seguinte pode ser tomada constantemente		



Sim	0	1 (9,1%)
Não	11 (91,7%)	5 (45,4%)
Não soube informar	1 (8,3%)	5 (45,4%)

Discussão

A predominância de meninas e da idade de 16 anos entre os participantes da pesquisa corroboram com estudo semelhante realizado anteriormente¹¹. O início da atividade sexual já experimentada pelos participantes representa um fato esperado na realidade brasileira, onde a vida sexual se inicia na maior parte das vezes, nesta etapa da vida^{10,13}.

A idade da primeira relação aos 15 anos e a declaração sobre o uso de método contraceptivo testifica com resultado de estudo anterior¹⁴. O predomínio do conhecimento e do uso de preservativo masculino nas relações sexuais também reforça dados de outras pesquisas e permite inferir que, apesar deste método ser extremamente válido e indispensável, é fundamental a disseminação de outras formas de contracepção, aperfeiçoando o conhecimento dos adolescentes sobre este assunto^{11,14,15}. Por outro lado, este ponto é extremamente positivo, visto que a camisinha é considerada o método mais aconselhável por prevenir gravidez indesejada e ser o único a prevenir ISTs.

No Brasil, o conhecimento de métodos contraceptivos ainda é muito limitado à camisinha e às pílulas orais¹⁶. Devido a isso, tem-se a necessidade de maior aderência dos adolescentes às políticas públicas voltadas à educação sexual. Neste contexto, os profissionais que trabalham com adolescentes devem estar disponíveis e preparados para orientar esses jovens, assegurando sua privacidade, criando um ambiente seguro, sem julgamentos e preconceitos. É importante esclarecer a funcionalidade dos métodos contraceptivos e a forma correta de seu uso¹⁷.

O DIU, que foi amplamente citado pelos participantes, é considerado um método com alta eficácia contraceptiva. Por ser um contraceptivo de barreira, ele é classificado como um método não hormonal, apesar de estar disponível também na forma hormonal. No entanto, apenas o DIU não hormonal está disponível na rede pública de saúde. Tal dispositivo pode ser utilizado por adolescentes, e apesar de sua comprovada taxa de efetividade, ainda são muitos os mitos que cercam o uso deste método¹⁸.

Como visto neste estudo, a informação sobre a atividade sexual foi pouco explorada no ambiente de casa dos adolescentes. Este é um fato preocupante, visto que outras fontes, como amigos e internet, podem fornecer orientações de qualidade insatisfatória, diminuindo a percepção correta do adolescente sobre o assunto. Isso ocorre, porque a discussão acerca da sexualidade ainda gera constrangimento entre as famílias, que muitas vezes se propõem a dialogar restritamente às esferas reprodutivas e preventivas. Tal realidade remete à necessidade de incluir a percepção da família acerca da comunicação da sexualidade entre as propostas de intervenção¹⁹.

Em relação ao conhecimento específico dos adolescentes sobre os métodos contraceptivos, foi verificado que boa parte dos aspectos é conhecida de forma

mais apropriada pelos adolescentes que já tiveram relação sexual. Isso pode ser explicado pelo fato desses adolescentes, por já terem iniciado a prática sexual, se sentirem mais interessados sobre o assunto, buscando informações nas mais variadas fontes. Contudo, conforme já apontado, muitas vezes esse adolescente busca orientações em fontes pouco apropriadas.

A Internet representa para esta geração uma grande fonte de informações, onde os jovens têm livre acesso aos mais variados temas, porém muitas vezes os conhecimentos são transmitidos de forma equivocada, expondo os adolescentes a riscos¹⁹. As informações inapropriadas podem ainda ser a razão dos inúmeros mitos que cercam o uso dos métodos contraceptivos, que perpassam as gerações, conforme demonstrado em alguns apontamentos dos participantes desta pesquisa.

O uso de duas camisinhas como estratégia mais segura foi descartado de forma majoritária pelos adolescentes que já tiveram relação sexual, porém não mostrou ser uma informação tão segura para o grupo que ainda não iniciou a atividade sexual. Esta realidade reforça a necessidade de orientações precisas sobre o uso dos métodos contraceptivos, entre todos os adolescentes, independentemente de sua experiência sexual. Os mitos e informações equivocadas que cercam a população adolescente podem ser a causa de a falha do preservativo masculino ser dez vezes maior entre esta faixa etária, quando comparado ao uso em adultos¹⁸. É importante ressaltar que a utilização de dois preservativos é uma prática completamente equivocada pela grande probabilidade de rompimento e consequente exposição a doenças.

Sobre a camisinha feminina, o resultado foi inverso, onde a segurança do método foi reconhecida de forma predominante entre os que não tiveram relação sexual, enquanto a maior parte dos que já tiveram não soube informar. O preservativo feminino é mais caro que o masculino e tem sua distribuição limitada¹⁸. Isso contribui para que o método seja pouco utilizado entre a população e por esta razão não é possível que sua segurança seja comprovada pelos adolescentes participantes da pesquisa, visto que todos ou quase a totalidade deles não têm acesso ao método.

A maior parte dos adolescentes, de ambos os grupos, considera que o coito interrompido não evita a gravidez, o que representa um resultado satisfatório, já que esta estratégia é considerada um dos métodos menos eficazes e menos indicado, principalmente entre adolescentes. Isso porque para que este método alcance certa eficácia é necessário o controle do período fértil, que exige disciplina e conhecimento de mudanças corporais, e estes fatores não estão presentes em grande parte da população adolescente¹⁸.

Em ambos os grupos, os participantes não souberam informar sobre o diafragma. Isso ocorre porque este método não é muito conhecido pela população. É considerado um método de barreira, como a camisinha, porém não previne as ISTs. Ele impede a passagem dos espermatozoides pelo útero e é utilizado em conjunto com a geleia espermicida. O seu uso oferece muitas vantagens,



como não apresentar efeitos colaterais, porém, ainda assim, representa um tipo de contracepção pouco difundida²⁰.

Sobre a possibilidade de o DIU causar aborto a maior parte dos adolescentes, em ambos os grupos, não soube informar. Conforme já apontado, o uso do DIU é permeado por alguns mitos que são amplamente disseminados entre a população. Um deles, é a possibilidade do método ser abortivo, o que cientificamente não tem evidência alguma¹⁸.

Quanto aos métodos hormonais, majoritariamente os dois grupos reconhecem que a pílula não previne IST. Este resultado é satisfatório, visto que como o próprio nome anticoncepção sugere, ele está relacionado ao método que tem por objetivo evitar uma gravidez indesejada, não tendo nenhuma função na prevenção das ISTs²¹. Por esta razão, é fundamental que o uso do preservativo seja sempre incentivado, independentemente do método de contracepção adotado.

Um número significativo de participantes que já tiveram relação sexual soube informar que algumas substâncias diminuem o efeito do anticoncepcional e este conhecimento é extremamente válido, pois diminui as chances de uma gravidez indesejada. Os anticoncepcionais são drogas como qualquer outra e estão sujeitos a sofrer interações se combinados com outros medicamentos ou substâncias, podendo minimizar seu efeito no organismo. Por isso, é sempre aconselhável a utilização de algum método de barreira concomitantemente ao método hormonal²².

A maior parte dos participantes, de ambos os grupos, não soube informar sobre a ocorrência de infertilidade associada ao uso prolongado da pílula anticoncepcional. Assim como já discutido a respeito do DIU, alguns conhecimentos advindos do senso comum permeiam a utilização dos métodos contraceptivos, podendo levar a uma descontinuação da utilização destes métodos. Dados de pesquisa mostram que não há nenhuma relação do uso prolongado de anticoncepcional oral com a infertilidade. Porém, seu uso está associado ao surgimento de trombose venosa profunda, acidente vascular encefálico, infarto agudo do miocárdio, depressão, entre outros. Dessa forma, é de extrema importância que os anticoncepcionais sejam tomados sob prescrição médica, com o devido acompanhamento de seus efeitos²³.

Quanto à utilização da pílula do dia seguinte ou pílula de emergência, investigação já realizada mostrou que os adolescentes reconhecem que a mesma não deve ser utilizada de forma cotidiana, testificando o resultado do presente estudo, que apontou a mesma informação entre os participantes que já tiveram relação sexual²⁴. Além disso, boa parte dos adolescentes que já teve relação reconhece de forma satisfatória a indicação de 72 h após o ato.

Sobre o uso correto da pílula de emergência, a

mesma tem indicação de uso após uma relação sexual sem proteção, falha potencial de um método já utilizado ou às vítimas de violência sexual. Deve ser usada até 72 horas após o ato sexual, porém pode ser utilizada até o quinto dia após a relação sexual desprotegida¹⁸.

Conclusão

O estudo atingiu o objetivo proposto, permitindo identificar o conhecimento dos adolescentes sobre o uso dos métodos contraceptivos. A divisão entre os participantes que já tiveram relação sexual e os que ainda não tiveram permitiram inferir que o conhecimento geral a respeito da contracepção não difere entre os dois grupos. Porém, em relação aos conhecimentos, houve uma certa diferenciação entre os dados obtidos.

O preservativo masculino se mostrou o método mais conhecido e utilizado pelos adolescentes. Foi observado que os inúmeros mitos que norteiam a utilização dos métodos contraceptivos norteiam o entendimento e atitudes dos adolescentes.

Foi observado ainda que algumas informações são transmitidas ao adolescente de forma superficial, e em sua maioria fora do ambiente de casa. Por estas razões, os adolescentes conhecem os métodos, mas não sabem ao certo sua funcionalidade.

Neste contexto, destaca-se a importância de uma educação sexual de qualidade nas escolas, assim como do incentivo à participação dos pais na vida sexual de seus filhos, evitando assim que esses adolescentes recorram a outros meios para adquirir informações.

Nesta conjuntura, se enquadra a atuação de profissionais de saúde, em especial dos enfermeiros da atenção básica, em estar promovendo ações educativas destinadas aos adolescentes. Tais ações devem ser planejadas de forma que desperte o interesse desses jovens, com abordagem voltada não só para a biologia, mas também com olhar humanizado, estabelecendo vínculos de confiança. O foco precisa estar voltado para o contexto sociocultural de cada adolescente, sendo as atividades elaboradas por meio de oficinas sobre saúde sexual e reprodutiva.

Como limitação desta pesquisa pode-se apontar a coleta de dados realizada em apenas um local, não sendo viável generalizar os resultados. Contudo, as informações obtidas nesta pesquisa, se assemelham com outras realizadas em cenários e contextos semelhantes, o que reforça a precisão dos dados encontrados.

Que este estudo sirva de base para novas pesquisas sobre a temática, ampliando o conhecimento de adolescentes sobre a temática, buscando que estes indivíduos tenham sua saúde reprodutiva e sexual direcionada de forma satisfatória.

Referências

1. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Proteger e cuidar da



- saúde de adolescentes na atenção básica [Internet]. 2017 [acesso em 2020 jun 15]. Disponível em: <https://repositorio.observatoriodocuidado.org/handle/handle/2599>.
2. Organização Pan-Americana da Saúde. Ministério da Saúde. Saúde e Sexualidade de adolescentes. Construindo equidade no SUS [Internet]. 2017 [acesso em 2020 jul 28]. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/34279>.
 3. Rodrigues ARS, Barros WM, Soares PL. Reincidência da gravidez na adolescência: percepções das adolescentes. *Enferm. Foco* [Internet]. 2016 [acesso em 2019 dez 22]; 7(3/4): 66-70. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/945>.
 4. Ribeiro VCS, Nogueira DL, Assunção RS, Silva FMR, Quadros KAN. Papel do enfermeiro da estratégia de saúde da família na prevenção de gravidez na adolescência. *R. Enferm. Cent. O. Min* [Internet]. 2016 [acesso em 2020 jan 5]; 1 (6): 1957-1975. Disponível em: <https://doi.org/10.19175/recom.v0i0.881>.
 5. Associação Médica Brasileira (AMB) [homepage da internet]. Gravidez na adolescência, são 400 mil casos por ano no Brasil. 2019 [acesso em 2020 jul 23]. Disponível em: <https://amb.org.br/noticias/gravidez-na-adolescencia/>.
 6. Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS) Brasil [homepage da internet]. América Latina e Caribe têm a segunda taxa mais alta de gravidez na adolescência no mundo. 2018 [acesso em 2020 jul 23]. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5604:ame-rica-latina-e-caribe-tem-a-segunda-taxa-mais-alta-de-gravidez-na-adolescencia-no-mundo&Itemid=820.
 7. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim epidemiológico de HIV e Aids [Internet]. 2019 [acesso em 2020 jun 30]. Disponível em: <http://vigilancia.saude.mg.gov.br/index.php/doencas-por-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-hiv-aids-hepatites-virais/>.
 8. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim epidemiológico de Sífilis [Internet]. 2019 [acesso em 2020 jun 30]. Disponível em: <http://vigilancia.saude.mg.gov.br/index.php/doencas-por-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-hiv-aids-hepatites-virais/>.
 9. Carneiro RF, Silva NC, Alves TA, Albuquerque DO, Brito DC, Oliveira LL. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. *SANARE, Sobral* [Internet]. 2015 [acesso em 2020 mai 31]; 14(1):104-8. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/617/334>.
 10. Kerntopf MR, Lacerda JFE, Fonseca NH, Nascimento EP, Lemos ICS, Fernandes GP, et al. Sexualidade na adolescência: uma revisão crítica da literatura. *Adolesc Saúde* [Internet]. 2016 [acesso em 2020 jun 14]; 13(supl 2):106-13. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v13s2a13.pdf>.
 11. Silva AF, Lopes MHB. Uso de métodos anticoncepcionais entre adolescentes de ensino médio. *Adolesc Saúde* [Internet]. 2018 [acesso em 2020 jul 15]; 15(2):102-12. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v15n2a12.pdf>.
 12. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012: aprova como diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.
 13. Gonçalves H, Machado EC, Soares ALG, Camargo-Figuera FA, Seerig LM, Mesenburg MA, et al. Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. *Rev Bras Epidemiol* [Internet]. 2015 [acesso em 2020 jun 22]; 18(1):1-18. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-5497201500010003>.
 14. Genz N, Meincke SMK, Carret MLV, Corrêa ACL, Alves CN. Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2017 [acesso em 2020 jul 1]; 26(2):e5100015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072017005100015>.
 15. Ramos LAS, Pereira ES, Lopes KFAL, Araújo Filho ACA, Lopes NC. Uso de métodos anticoncepcionais por mulheres adolescentes de escola pública. *Cogitare Enferm* [Internet]. 2018 [acesso em 2020 jul 14]; 23(3):e55230. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/55230>.
 16. Borges ALV, Fujimori E, Kuschmir MCC, Chofakian CBN, Azevedo GD, et al. ERICA: início da vida sexual em contracepção em adolescentes brasileiros. *Rev Saúde Pública* [Internet]. 2016 [acesso em 2020 jun 30]; 50(Supl 1): 1-6. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s01518-8787.2016050006686>.
 17. Coutinho R, Moleiro P. Aconselhamento sexual e contraceptivo aos adolescentes: a importância do gênero. *Adolesc Saúde* [Internet]. 2017 [acesso em 2020 jun 28]; 14(1):112-8. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v14n1a15.pdf>.
 18. Sociedade Brasileira de Pediatria. Departamento científico de adolescência. Anticoncepção na adolescência. Guia prático de atualização [Internet]. 2018 [acesso em 2020 jun 28]; 7: 1-16. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/20290c-GPA_-Anticoncepcao_na_Adolescencia.pdf.
 19. Furlanetto MF, Marin AH. Acesso e gravidade da informação recebida sobre sexo e sexualidade na perspectiva adolescente. *Estudos e pesquisas em psicologia* [Internet]. 2019 [acesso em 2020 jul 5]; 19(3):644-64. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2019.46907>.
 20. Ministério da Saúde [homepage da internet]. Conheça os métodos contraceptivos oferecidos pelo SUS. 2016 [acesso em 2020 jul 28]. Disponível em: <http://www.blog.saude.gov.br/index.php/materias-especiais/51645-saiba-mais-sobre-os-metodos-contraceptivos-oferecidos-pelo-sus>.
 21. Almeida APF, Assis MM. Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais. *Rev. Eletrôn. Atualiza Saúde* [Internet]. 2017 [acesso em 2020 jun 22]; 5(5): 85-93. Disponível em: <http://atualizarevista.com.br/wp-content/uploads/2017/01/efeitos-colaterais-e-altera%C3%A7%C3%B5es-fisiol%C3%B3gicas-relacionadas-ao-uso-cont%C3%ADnuo-de-anticoncepcionais-hormonais-orais-v-5-n-5.pdf>.
 22. Silva NCS, Thomaz APS, Melo JA, Martins SBM. Interações medicamentosas com contraceptivos hormonais orais. *Única cadernos acadêmicos* [Internet]. 2017 [acesso em 2020 mai 29]; 3(3). Disponível em: <http://co.unicaen.com.br:89/periodicos/index.php/UNICA/article/view/57/51>.
 23. Camelo LD, Oliveira LB de, Affonso R da S, Eduardo AML, Chaves PLG. O Risco do Uso de Anticoncepcional Oral no Desenvolvimento de Trombose em Mulheres: uma Revisão da Literatura. *Rev Inic Cient Ext* [Internet]. 2019 [acesso em 2020 jul 5]; 2(Esp.1):43.



Disponível em: <https://revistasfasesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/219>.

24. Sousa SRGR, Franca C, Colares V, Nóbrega ABS. Conhecimento e uso da contracepção de emergência na adolescência. *Adolesc. Saude* [Internet]. 2016 [acesso em 2020 jul 10]; 13(Supl 2): 167-73. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v13s2a20.pdf>.

